

Contato linguístico: reflexões para a sociolinguística contemporânea



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Evani Viotti (USP)

- Wellington Silva (USP)

SOBRE OS AUTORES

- Matheus Azevedo

Conceptualização,

Investigação, Escrita –

Rascunho Original, Escrita –
Análise e Edição.

- Silvana Araujo

Supervisão, Escrita – Rascunho
Original, Escrita – Análise e
Edição.

- Juliete Macêdo

Investigação, Escrita –

Rascunho Original, Escrita –
Análise e Edição.

DATAS

- Recebido: 29/04/2025

- Aceito: 30/04/2025

- Publicado: 09/02/2026

COMO CITAR

AZEVEDO, M. A.; ARAUJO, S. S. F.;

MACEDO, J. B. (2026). Contato

linguístico: reflexões para a

sociolinguística contemporânea.

Revista da Abralín, v. 24, n. 1, p.

1-31, 2025.

Matheus de Araujo AZEVEDO

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Silvana Silva de Farias ARAUJO

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Juliete Bastos MACÊDO

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo oferecer uma revisão de estudos sobre o contato linguístico enquanto dimensão teórica relevante no âmbito da Sociolinguística Variacionista. Além de reunir os principais conceitos e abordagens teórico-metodológicos em textos clássicos e contemporâneos, discutimos o impacto estrutural e social do contato entre línguas na variação e na mudança, considerando os seus reflexos como forças propulsoras da formação de novas variedades. Os estudos consultados evidenciam que o contato linguístico promove diferentes processos, como pidginização, crioulização, alternância e mistura de códigos, mudanças estruturais e a emergência de variedades linguísticas híbridas. Propomos uma reflexão mais aprofundada sobre o papel do bilinguismo, das atitudes linguísticas e da marcação de identidade social como forças motivadoras da mudança induzida por contato, considerando o falante como agente ativo no processo de intercâmbios linguísticos. Discutimos, a partir de exemplos, a formação de variedades da língua portuguesa diante de situações de contato, traços profundos de reestruturação e as particularidades de suas respectivas ecologias linguísticas.

ABSTRACT

This article aims to provide a review of studies on language contact as a relevant theoretical dimension within Variationist Sociolinguistics. In addition to gathering key concepts and theoretical-methodological approaches from both classical and contemporary texts, we discuss the structural and social impact of language contact on variation and change, considering its effects as driving forces behind the formation of new language varieties. The approached studies show that language contact fosters various processes, such as pidginization, creolization, code-switching and code-mixing, structural changes, and the emergence of hybrid linguistic varieties. We propose a more in-depth reflection on the role of bilingualism, language attitudes, and the marking of social identity as motivating forces behind contact-induced change, considering speakers as active agents in the process of linguistic exchange. Drawing on examples, we discuss the formation of varieties of the Portuguese language in contact situations, deep restructuring features, and the particularities of their respective linguistic ecologies.

PALAVRAS-CHAVE

Sociolinguística de Contato. Multilinguismo. Plurilinguismo. Mudança induzida por contato.

KEYWORDS

Contact Sociolinguistics. Multilingualism. Plurilingualism. Contact-induced change.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Como as línguas mudam quando povos diferentes convivem: Este estudo discute como o contato entre pessoas que falam línguas diferentes pode mudar a forma como elas falam. Isso acontece, por exemplo, quando grupos com idiomas distintos convivem por muito tempo; como aconteceu, por exemplo, no Brasil durante a colonização, a partir do contato da língua portuguesa com línguas africanas e indígenas. Quando as línguas entram em contato, podem surgir novas formas de falar, com palavras, sons e jeitos diferentes de montar frases. Às vezes, isso gera até novas línguas, como as línguas crioulas. Reunimos pesquisas de vários autores sobre o tema para entender como essas mudanças acontecem, especialmente no português falado em países que passaram por colonização. Os resultados mostram que essas mudanças não ocorrem por acaso: elas estão ligadas à

cultura, à história e até à forma como as pessoas se identificam com suas comunidades. Entender essas transformações ajuda a valorizar a diversidade linguística e cultural, mas também pode contribuir para o entendimento de como as variações e mudanças linguísticas ocorrem, principalmente em situações de contato entre línguas.

Introdução

As línguas estão em contato o tempo todo, porque seus falantes estão em constante interação social, um processo inevitável e multifacetado, que resulta em contribuições mútuas e (re)configurações variadas, a depender dos contextos de aquisição e do uso das variedades linguísticas (Haugen, 1972; Mufwene, 2008). Tal contato constitui um fator relevante para a compreensão dos processos de variação e mudança linguística, tendo sido abordado, ao longo da história da Linguística, por diferentes perspectivas teóricas, dos modelos genéticos e tipológicos às propostas ecológicas e interacionais, ainda que nem todas as vertentes da Sociolinguística, mais especificamente, o tenham assumido como objeto central de análise. Assim, na presente revisão de literatura, partimos da premissa de que o contato linguístico não apenas afeta a estrutura das línguas, mas também está intrinsecamente ligado a aspectos históricos, sociais e identitários que moldam o uso linguístico nas comunidades.

A análise do contato linguístico proposta neste artigo insere-se na perspectiva da Sociolinguística de Contato, nos termos de Savedra *et al.* (2021), que consiste no estudo das situações de contato linguístico a partir do referencial teórico e metodológico da Sociolinguística. A abordagem, ao expandir os fundamentos propostos por Thomason (2001) e Winford (2003), contempla o equacionamento da variação e da mudança linguística em diferentes contextos de contato, visando a compreensão de fenômenos do contato em articulação com os contextos históricos, sociais e discursivos em que ocorrem, focalizando as línguas e variedades envolvidas não como sistemas isolados, mas como práticas em circulação em comunidades marcadas por diversidades.

Considerando este enquadramento, e em face da forte tradição brasileira de estudos sociolinguísticos, propomos um diálogo com o objetivo de revisar a literatura e compreender de que modo os estudos sobre contato linguístico contribuem para a análise dos processos de variação e mudança no português em contextos pós-coloniais, sobretudo sob a ótica da Sociolinguística contemporânea.

A Optamos por um recorte variacionista por entendermos que os efeitos do contato linguístico se manifestam, primordialmente, no nível do social, locus onde o contato se efetiva, por meio da interação entre diferentes códigos de diferentes falantes. A partir do entrecruzamento de fatores linguísticos e extralinguísticos, a Sociolinguística Variacionista oferece ferramentas que permitem

aferir com maior precisão e produtividade os efeitos do contato em padrões de uso da língua, os quais emergem em diferentes contextos históricos, geográficos e políticos. Não ignoramos, contudo, a importância e o aporte de outras abordagens teóricas, que enriquecem a compreensão dos fenômenos de contato linguístico. Assim, nosso objetivo é oferecer uma análise crítica e situada, que dialogue com essas múltiplas vertentes, sem perder o foco da contribuição específica da perspectiva do contato para os estudos sociolinguísticos.

O artigo estrutura-se em quatro seções. Na primeira, apresentamos um panorama das diferentes abordagens teóricas do contato linguístico e justificamos a escolha da perspectiva adotada. Na segunda seção, discutimos e contrapomos os principais conceitos e modelos explicativos do campo. Em seguida, abordamos o papel da agência dos falantes e das condições socioculturais nos cenários de contato, evidenciando de que maneira a interpretação à luz da Sociolinguística de Contato pode enriquecer as análises de fenômenos sociolinguísticos. Por fim, na quarta seção, realizamos uma análise crítica de casos discutidos na literatura sobre o português em contextos de contato no Brasil, com ênfase em estudos que focalizam comunidades afro-brasileiras, a fim de compreender os efeitos históricos, sociais e estruturais da reestruturação da língua portuguesa nesses territórios.

1. Sociolinguística de Contato: percurso, definição e abordagens

O início dos estudos sobre contato entre línguas remonta ao primeiro período do estudo científico da linguagem, ainda no século XIX. Schuchardt (1884), pioneiro nos estudos de línguas crioulas e línguas em contato, apresentou exemplos de efeitos estruturais de transmissões linguísticas em processos de mudanças linguísticas induzidas por contato em diversas línguas, como o contato entre o Eslavo e o Alemão e o Eslavo e o Italiano, bem como situações de pidgins e crioulos. Com efeito, no mesmo estudo, o autor resgata discussões datadas do século XVII sobre a mistura dos dialetos croatas e românicos na região da Dalmácia, com base em registros do século XIV.

Um pouco antes, em sua primeira discussão sobre as línguas crioulas, uma resenha, Schuchardt (1881, p. 580-581) já enfatizava a conexão entre seu interesse pelo surgimento das línguas românicas e as línguas crioulas: “Já há uma década eu havia começado a me dedicar ao estudo desses produtos exóticos, que, pelo contraste, pareciam lançar luz sobre o desenvolvimento das línguas românicas”.

Embora Schuchardt não operasse com uma metodologia sociolinguística sistematizada, como a que viria a ser desenvolvida posteriormente, sua atenção à historicidade dos processos de contato antecipa preocupações que seriam formalizadas por Uriel Weinreich. Antes mesmo da publicação do texto clássico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, em conjunto com Herzog e Labov, Weinreich (1953) chamou atenção ao fato de que a observação de fatores estruturais linguísticos por si só não daria conta de explicar os processos de mudança que ocorriam na fala de sujeitos bilíngues ou bidialetais, havendo que se considerar as condições sociais em que se davam os contatos linguísticos.

Os estudos puramente linguísticos de línguas em contato devem estar em conformidade com estudos extralinguísticos sobre o bilinguismo e fenômenos relacionados. [...] O linguista que elabora teorias sobre influências linguísticas, mas negligencia a explicação do cenário sociocultural do contato linguístico, deixa seu estudo suspenso, por assim dizer, no ar. (Weinreich, 1953, p. 04, tradução nossa)¹.

Para o autor, seria necessária uma abordagem sociocultural, em vista de descrever e analisar os fatores que regem a interferência linguística, os quais caem no domínio extralinguístico da análise, para além das estruturas das línguas em contato. Weinreich (1953) decompõe o conceito de interferência linguística em três categorias principais: interferências fonológica, gramatical e lexical. O autor argumenta que os mecanismos que favorecem a interferência linguística, como o bilinguismo e o multilinguismo, ou seja, a coexistência de múltiplas línguas em uma comunidade, podem estar atrelados a relações de poder ou prestígio entre as línguas envolvidas.

É, porém, necessário apontar que o termo “interferência”², usado pelo autor para classificar quaisquer fenômenos causados pelo contato, vem sendo abandonado por estudiosos da Linguística de Contato, uma vez que seu uso tem se revelado genérico, pouco técnico e causador de julgamentos de valor a respeito de fenômenos (Heine; Kuteva, 2005). A adoção do termo “mudança induzida pelo contato”, ou *contact induced change*, nos termos de Thomason (2003, p. 688), parece ser o mais aceito, desdobrando-se em dois tipos básicos de mecanismos: *borrowing* (empréstimo) e *shift-induced interference* (interferência induzida por mudança), cada tipo envolvendo um perfil sociolinguístico diferente.

A distinção proposta por Thomason entre *borrowing* e *shift-induced interference* não apenas refina a terminologia do campo, mas permite uma compreensão mais precisa dos diferentes contextos sociolinguísticos que moldam os efeitos do contato. Isso é especialmente relevante para o estudo do português em contextos pós-coloniais, nos quais línguas africanas e indígenas não apenas interferem lexicalmente, mas reestruturam padrões gramaticais da língua dominante, como mostram estudos sobre o português afro-brasileiro e crioulo cabo-verdiano (Holm, 1987; Lucchesi, 1993; Baxter, 1996).

Outro aspecto importante abordado pelo texto de Weinreich (1953, p. 105) é a cristalização de novas línguas, a depender da “natureza da interferência linguística”. O contato prolongado entre línguas pode levar ao surgimento de novas variedades linguísticas, como pidgins e crioulos. O autor destaca que essas novas línguas são frequentemente vistas como menos prestigiadas, mas possuem estruturas complexas e funcionais, evidenciando o aspecto político, social e identitário na composição histórica de línguas em situação de contato.

1 No original: “Purely linguistic studies of languages in contact must be coordinated with extra-linguistic studies on bilingualism and related phenomena. [...] The linguist who makes theories about language influence but neglects to account for the socio-cultural setting of the language contact leaves his study suspended, as it were, in mid-air.” (Weinreich, 1953, p. 04)

2 Para Johanson (1992, p. 175), o motivo para rejeitar termos como “transferência” e “empréstimo” seria a sugestão implícita de que a língua receptora retira algo da língua doadora. Johanson propôs o termo “cópia” em seu lugar.

O texto de Weinreich (1953) é amplamente reconhecido como basilar nos estudos sobre contato linguístico, ao introduzir o conceito de “interferência linguística” e destacar o papel dos fatores sociais na explicação de mudanças estruturais em contextos de bilinguismo. Sua influência foi determinante para a Sociolinguística Variacionista, especialmente por sua orientação à tese de William Labov. Foi nesse sentido que, no texto basilar da Teoria da Variação e Mudança Linguística, Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]) propuseram um modelo teórico mais refinado para reconhecer um processo gradual de transição entre formas originais e inovadoras que coexistem numa mesma comunidade de fala e num mesmo falante motivado por fatores sociais.

Nesse sentido, considerando-se que a Sociolinguística é o campo da Linguística que se ocupa das inter-relações entre a estrutura linguística e a estrutura social, as questões relativas a contatos linguísticos são pujantes ao campo. A propósito, vale destacar que já no texto *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]) estabelecem um marco teórico e metodológico tanto para os estudos da mudança linguística quanto para a compreensão do contato linguístico. Partindo da observação de que grande parte das mudanças ocorre nas falas de sujeitos bidialetais ou bilíngues, os autores afirmam que o contato linguístico é um dos fatores condicionantes nos processos de variação e mudança. A proposta de que a variação sincrônica é o ponto de partida para a mudança diacrônica abre caminho para investigar, de forma empiricamente fundamentada, como o contato entre grupos sociais e linguísticos distintos pode gerar mudanças estruturais duradouras. O texto é, assim, seminal também para a Sociolinguística de Contato, ao articular mudança, variação e fatores sociais em um mesmo quadro teórico.

Embora à princípio tangenciado pela noção de variação condicionada por meio de categorias pré-definidas na metodologia da Sociolinguística, o foco sobre o contato linguístico tem sido ampliado na tradição laboviana, que vem explorando sistematicamente contextos de bilinguismo e multilinguismo prolongado, criouliização, reestruturação linguística e contatos interdialetais.

Nesse sentido, se considerarmos, por exemplo, o texto clássico da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), percebemos que já há pressupostos teórico-metodológicos que fornecem uma base empírica essencial para entender os efeitos sociais do contato linguístico, como a possibilidade de descrever o modo por meio do qual a exposição a uma variedade socialmente valorizada pode gerar mudança linguística “de cima para baixo” (*change from above*), ou como inovações internas às comunidades menos prestigiadas podem se difundir socialmente, em uma “mudança de baixo para cima”. Tais dinâmicas se revelam especialmente relevantes em contextos de bilinguismo, diglossia ou imigração, nos quais diferentes línguas ou variedades entram em interação intensa, criando zonas de transição linguística e sociocultural.

Conforme mencionado, a Sociolinguística laboviana ocupava-se essencialmente da variação sistemática no âmbito da comunidade de fala, não tendo o contato linguístico como foco central. Mas, o reconhecimento por parte de Weinreich (1953) de que o contato pode levar à formação de novas línguas já revelava uma sensibilidade às dimensões sociais e políticas do fenômeno, lançando luz à incorporação dos contatos nos estudos linguísticos. Na contemporaneidade, esse debate atualiza e aprofunda as reflexões iniciadas por Weinreich, demonstrando como a análise

sociolinguística contemporânea exige ir além dos efeitos formais para compreender os processos sociais que os geram (Freitag; Oushiro, 2019).

Paralelo a isso, os estudos sobre o contato se expandiram significativamente, com contribuições importantes de linguistas de diferentes correntes teóricas da Linguística de Contato, algumas delas com abordagens divergentes entre si, como a perspectiva ecológica (Mufwene, 2001, 2005, 2008, 2016), a variacionista (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009), a gerativista (DeGraff, 2003; Hickey, 2010; Negrão; Viotti, 2014) e a crioulística (Muysken, 2000; Thomason, 2001, 2003, 2010; Winford, 2003; Holm, 2004), enquanto autores dedicados ao estudo do *code-switching* e a modelos socioestruturais (Myers-Scotton, 2002) também são relevantes para interpretar processos estruturais observados em situações de contato. A seleção aqui feita não pretende esgotar o campo, mas busca apresentar referências representativas para a delimitação do objeto e da abordagem adotada nesta revisão, com ênfase em estudos que privilegiam o papel das práticas sociais e da variação no entendimento dos fenômenos de contato³.

Para melhor compreender o contato e seus efeitos em todas as suas esferas, exploramos, nas seções subsequentes, sua dimensão estrutural, por meio da apresentação de modelos e teorias centrais do contato entre línguas, bem como seus aspectos extralinguísticos, abordando especialmente o papel da agência, dos falantes, das ecologias e das identidades nos processos de variação e mudança. Por fim, analisamos como esses aspectos configuracionais se manifestam em variedades do português formadas em contextos de intenso contato.

2. Modelos e conceitos centrais do contato entre línguas

Durante milhares de anos, as mais diversas línguas têm estado em contato, possivelmente desde o início da humanidade. O contato entre línguas é, primeiramente, contato entre pessoas, uma vez que as variedades linguísticas se engendram e se transformam no seio das interações sociais e da dinâmica ecológica das comunidades (Mufwene, 2001).

Quando falantes de duas ou mais línguas entram em contato, o resultado mais comum é a mudança em uma ou em todas as línguas envolvidas. Geralmente – embora nem sempre –, pelo menos uma das línguas exercerá alguma influência em pelo menos uma das outras línguas. O tipo mais comum de influência específica é a **incorporação lexical**⁴, ou seja, o empréstimo de palavras de uma língua para outra, contudo todos os aspectos da estrutura linguística (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-lexicais) são passíveis de transferência para outras línguas, dadas as condições sociais e linguísticas de contato. Outro resultado possível é a **reestruturação total ou parcial**

3 A escolha dos autores se pauta, portanto, na relevância teórico-analítica de seus trabalhos para a questão orientadora desta revisão, não pretendendo exaustividade ou implicando julgamento de valor sobre contribuições não mencionadas.

4 “Invariavelmente, em uma situação de empréstimo, os primeiros elementos estrangeiros a ingressarem na língua receptora são palavras” (Thomason; Kaufman, 1988, p. 37).

da gramática. Nesse caso, uma língua de contato pode emergir, seja um pidgin (se surgir como uma língua estritamente secundária, usada para fins limitados) ou um crioulo (se surgir inicialmente como a língua principal de uma comunidade) (Lucchesi; Baxter, 2009). Porém, se há uma adesão geral por parte dos falantes a uma das línguas, um resultado comum em situações de contato é o desaparecimento de uma das línguas. Thomason (2001) sugere que uma língua desaparece quando todos os seus falantes morrem, quando sofrem extermínio de invasores ou colonizadores hostis, por exemplo, ou quando sucumbem a desastres naturais ou a doenças estrangeiras importadas por invasores menos letais.

Tais processos de transformação dependem, em grande medida, das formas pelas quais uma língua é transmitida e adquirida dentro de um grupo. É nesse ponto que Bickerton (1981, 1984, 1988) propõe a Teoria do Bioprograma da Linguagem (ou *Language Bioprogram Hypothesis*) para explicar a relativa uniformidade estrutural observada nos crioulos. Segundo o autor, o processo de criouliização ocorre em contextos de quebra abrupta na transmissão linguística, nos quais adultos submetidos a situações extremas de contato desenvolvem apenas um pré-pidgin altamente rudimentar, fruto de aquisição imperfeita da língua-alvo. Para Bickerton, esse *input* limitado é transmitido às crianças, que, ao não disporem de evidências suficientes para configurar parâmetros específicos, recorrem ao bioprograma da linguagem, um conjunto de opções gramaticais não marcadas, geneticamente determinadas, que constituiria o “núcleo” da gramática humana. O resultado da nativização do pidgin é a emergência de um sistema linguístico novo, o crioulo, que refletiria de modo relativamente uniforme essas configurações não marcadas, como o sistema tempo-modo-aspecto preposicional, por exemplo, que, em muitos crioulos, não tem suas categorias marcadas por flexão verbal, mas por partículas afixais derivadas de formas lexicais plenas⁵.

Esse cenário de gênese dos crioulos hipotetizado por Bickerton propõe que, durante o processo de criouliização, nenhuma língua preexistente foi transmitida e uma nova língua foi produzida *ab ovo*. Nesse contexto, apenas aqueles crioulos que surgiram como resultado de uma ruptura completa na transmissão linguística representariam manifestações “puras” da hipótese bioprogramática. Outras línguas de contato que são consideradas crioulos, mas que não se conformam plenamente à hipótese, seriam, de acordo com Bickerton, resultados de uma transmissão linguística parcial, casos em que as propriedades estruturais transmitidas das línguas preexistentes interferem bioprograma da linguagem. No quadro teórico de Bickerton, esses últimos casos não são considerados crioulos verdadeiros.

A proposta de Bickerton insere-se em uma perspectiva excepcionalista, segundo a qual a formação dos crioulos constitui um processo linguístico *sui generis*, qualitativamente distinto dos mecanismos ordinários de mudança atestados em outras línguas naturais. O **excepcionalismo**, nesse contexto, pressupõe que as línguas crioulas emergem fora das condições regulares de transmissão intergeracional e, portanto, exigem explicações teóricas específicas ou “não uniformes”.

5 No crioulo haitiano, a marca de anterioridade é expressa pela partícula *te*, cuja origem remonta à forma francesa *été/était* do verbo *être* (‘ser’). Já no crioulo cabo-verdiano, o valor aspectual durativo ou progressivo é assinalado pela partícula *ta*, derivada de *está*, do verbo *estar*. (Holm, 1988).

Uma das críticas mais contundentes à visão excepcionalista de Bickerton surge por parte de Thomason (2001), que defende que, mesmo em contextos sociais profundamente assimétricos, como os das plantações escravistas, não há evidências de crianças que tenham sido expostas a um “vazio linguístico” ou a um *input* tão reduzido que as obrigasse a criar uma língua inteiramente nova a partir de princípios inatos. Pelo contrário, a transmissão linguística, ainda que parcial, sempre ocorre, e é precisamente por meio desses insumos heterogêneos que novas variedades linguísticas se formam⁶.

Anteriormente, Thomason e Kaufman (1988) já haviam antecipado a noção de **aquisição imperfeita**, entendida como processos de mudança linguística que ocorrem quando a transmissão intergeracional é interrompida e um grupo adquire uma segunda língua de maneira não convencional, ou seja, fora do padrão de transmissão por socialização parental e de pares. Em situações de deslocamento, pressão sociopolítica intensa ou rápida imposição de uma língua dominante, falantes passam a aprender a nova língua de forma incompleta, produzindo versões da segunda língua com forte interferência estrutural de sua língua materna (Thomason, 2001).

Thomason argumenta que a criouliização deve ser compreendida como um caso extremo, mas contínuo, do espectro de mudanças induzidas pelo contato entre línguas. Nesse quadro, a aquisição imperfeita não constitui uma ruptura nem um cenário bioprogramático, mas uma forma de transmissão linguística condicionada por fatores sociais, demográficos e atitudinais, um processo que não se limita aos crioulos, mas que encontra paralelos em outros contextos de contato, inclusive na formação do português brasileiro, por exemplo.

No que tange à formação do português brasileiro, a abordagem de Thomason é reforçada por Lucchesi (2009), que reconhece que, em situações de opressão social, falantes adultos podem desenvolver interlínguas com simplificações estruturais variadas, fenômeno que passou a ser descrito como Transmissão Linguística Irregular (TLI). Negrão e Viotti (2014) rejeitam a ideia de que o português brasileiro seja fruto de um processo de criouliização ou de TLI. Para as autoras, a emergência dessa variedade deve ser compreendida no contexto transatlântico de contatos linguísticos e culturais prolongados, nos quais tanto africanos quanto europeus participaram ativamente da formação de um novo vernáculo colonial. Embora admitam que houve aquisição de L2 por parte de muitos falantes africanos e indígenas, as autoras ressaltam que esse processo ocorreu em ecologias de interação intensa e contínua, e não sob as condições de isolamento e interrupção típicas de situações em que a TLI é postulada.

Além disso, a posição das autoras inscreve-se em um enquadramento ecológico de mudança linguística, baseada no modelo ecológico de Mufwene (2001, 2008), em que novas variedades emergem por processos de competição e seleção de variantes em ecologias multilíngues historicamente

6 Soma-se a isso o questionamento de Thomason a respeito da premissa de que os crioulos exibem uniformidade estrutural suficiente para justificar a postulação de um “núcleo não marcado” universal, como defende Bickerton, evidenciando que os crioulos variam amplamente em aspectos fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais, e muitos deles não apresentam as características apontadas como “diagnósticas” pelo modelo bioprogramático. A variação observada seria incompatível com a ideia de que todos emergiriam a partir de um conjunto homogêneo de parâmetros não marcados ativados apenas quando a transmissão linguística falha.

situadas. Nessa perspectiva, a própria noção de criouliização é problematizada como categoria teórica de alcance geral ao enfatizar a agência dos falantes e o papel das configurações socio-históricas na reorganização dos sistemas linguísticos.

Para além do caso do português brasileiro, o debate sobre contato e emergência de novas variedades no Atlântico pode ser ampliado ao observarmos o crioulo haitiano⁷ como exemplo clássico de reestruturação em contextos coloniais. Segundo Lefebvre (1998), embora as formas lexicais do crioulo haitiano sejam derivadas de sequências fonéticas da língua de superestrato (o francês), nem todas as propriedades das entradas lexicais demonstram correspondência total à língua francesa, fato justificado pelo acesso muito limitado dos falantes das línguas de substrato aos dados da língua de superestrato, o que pode ter gerado dificuldade na aquisição das categorias funcionais da língua francesa. Assim, na gênese do crioulo haitiano, tanto as entradas lexicais de categoria menor (como conjunções e preposições) quanto as de categoria maior (como verbos e substantivos) teriam sofrido **relexificação**, por meio da qual os falantes relexificaram as categorias funcionais de seu próprio léxico com base em propriedades fonéticas da língua francesa, produzindo uma nova língua com estrutura de substrato e léxico de superestrato compartilhado.

No entanto, DeGraff (2003), além de introduzir uma nova concepção de crioulo, questionou as ponderações feitas por Lefebvre.

O cenário da gênese crioulistica de Lefebvre alega que os resultados da “aquisição” de segunda língua por africanos no Haiti colonial são virtualmente idênticos às línguas nativas com as quais começaram, exceto pela fonética. No entanto, o léxico e a morfologia do CH (crioulo haitiano) demonstram que os seus precursores foram capazes de segmentar e analisar a fala da língua-alvo (neste caso, o francês) até as formas fonéticas de muitos afixos. Essa segmentação e análise – um feito cognitivo – contradizem a alegação de que os precursores do CH não acessaram ou usaram nenhuma propriedade abstrata da fonologia, léxico, morfossintaxe ou semântica do francês. A segmentação e análise da fala natural em qualquer língua exigem conhecimento implícito intrincado sobre a estrutura *abstrata* dessa língua. (DeGraff, 2003, p. 396, tradução nossa)⁸

DeGraff advoga por uma definição sócio-histórica e externa à língua do termo ‘criouliização’, que passa a ser visto como uma sequência de eventos sócio-históricos que levaram à formação dessas línguas conhecidas como crioulas. Na realidade, a viabilidade estrutural e a vitalidade cultural das línguas crioulas confirmam a faculdade da linguagem que é intrínseca ao ser humano, ainda que desenvolvida sob condições psicossociais adversas (DeGraff, 2003, 2009).

7 O crioulo de base lexical francesa emergiu do contato entre o francês e as línguas africanas da família kwa e atua como língua materna da maior parte da população do Haiti – a língua crioula mais falada no mundo, superando a marca de oito milhões de falantes (DeGraff, 2003).

8 No original: “Lefebvre’s Creole-genesis scenario claims that the results of second-language ‘learning’ by Africans in colonial Haiti are virtually identical to the native languages they started with, modulo phonetics. Yet, the lexicon and morphology of HC demonstrate that Creole creators were able to segment and parse target speech (here French) down to the phonetic forms of many affixes. Such segmentation and parsing – a cognitive feat – contradict the claim that the creators of HC did not access or use any abstract property of French phonology, lexicon, morphosyntax, or semantics. Segmentation and parsing of fluent speech in any language necessitate intricate implicit knowledge about the ABSTRACT structure of that language.” (DeGraff, 2003, p. 396).

Essa perspectiva é aprofundada no trabalho de Aboh e DeGraff (2014), em que os autores, ao analisarem os nominais nus no CH, demonstram que a estrutura da língua resulta de um processo de recombinação de traços formais oriundos tanto das línguas de substrato quanto do francês. Esse modelo não apenas contesta a hipótese da relexificação, mas também rompe com as premissas inatistas da teoria de Bickerton, que defendia uma criouliização baseada em mecanismos universais e biológicos supostamente ativados por um *input* limitado. Em contraposição, DeGraff propõe que a criouliização seja entendida como um processo situado, histórico e social, em que os crioulos são línguas naturais como quaisquer outras, sujeitas à variação, mudança e reestruturação de acordo com fatores ecológicos específicos.

Os diferentes pressupostos epistemológicos dessas abordagens, com Lefebvre partindo de uma perspectiva imanentista e fortemente ancorada na hipótese da relexificação, e DeGraff desenvolvendo uma perspectiva gerativista anti-excepcionalista que integra fatores histórico-sociais na análise da aquisição e da mudança, evidenciam a maneira por meio da qual o debate sobre línguas crioulas ultrapassa a descrição de estruturas linguísticas e alcança disputas teóricas centrais sobre aspectos sociais, agência linguística e ideologia nas línguas de contato. Nesse sentido, a Sociolinguística contemporânea, especialmente no campo da Sociolinguística de Contato, pode se beneficiar dessas reflexões ao dialogar com (e não substituir) modelos gerativistas, contribuindo para romper leituras reducionistas e enfatizar a articulação entre estrutura e história social.

Esse conjunto de debates evidencia que a criouliização não pode ser compreendida como um processo único, uniforme ou inevitável sempre que há contato intenso entre línguas. Pelo contrário, os contextos ecológicos, sociais e históricos moldam diferentes desfechos, que podem ir desde a emergência de novas línguas até a formação de variedades locais da língua de superestrato. Nesse espectro de possibilidades, surgem análises como a de Holm (2004), Lucchesi (2009) e Mello (2011), que examina casos em que o contato resulta não em crioulos plenamente desenvolvidos, mas em variedades híbridas da língua-alvo. Holm argumenta, analisando casos como o inglês vernacular afro-americano, que o contato pode gerar variedades híbridas que preservam alguns traços das línguas de origem, ao mesmo tempo em que incorporam inovações de falantes não nativos. Nesse contexto, a **simplificação** de estruturas gramaticais complexas, como a redução de flexões verbais e nominais, torna-se um processo natural e esperado na interação de falantes de diferentes línguas, de modo a facilitar a comunicação, resultando em uma gramática mais enxuta e regular.

Tais reestruturações, observadas tanto em crioulos quanto em variedades híbridas, levantam questões centrais sobre os limites e as evidências possíveis da influência de uma língua sobre outra. É nesse ponto que se insere uma discussão metodológica importante: como identificar, descrever e justificar a presença de estruturas originadas por contato linguístico?

Se existe uma suspeita de que uma estrutura numa língua tenha surgido por meio do contato com outra, pode-se buscar uma correspondência estrutural⁹ entre ambas as línguas a fim de atestar

9 É importante destacar que nem todas as teorias de contato linguístico partem do pressuposto de que tal correspondência estrutural seja necessária. O modelo de Aboh (2015), por exemplo, demonstra que a recombinação de traços entre línguas em contato pode se dar mesmo quando há divergências formais significativas, uma vez que a convergência pode ocorrer no plano semântico,

a hipótese do contato. Ou seja, apesar de haver método, não há provas concretas na linguística de contato (Hickey, 2010). Uma distinção essencial em qualquer consideração de mudança linguística induzida pelo contato é a diferença entre a presença de uma categoria numa determinada língua e a exponência desta categoria. Ao mudar para outra língua, temporária ou permanentemente, falantes adultos esperam encontrar na língua-alvo as mesmas distinções gramaticais características de suas línguas nativas. Dessa maneira, buscam equivalências estruturais na língua-alvo para categorias com as quais já estão familiarizados, num processo de **reestruturação** de alguns aspectos da segunda língua.

Além de reestruturar elementos da língua-alvo, esses falantes podem transferir elementos de sua língua nativa. Esta **transferência de categorias gramaticais** é especialmente favorecida quando as expressões das categorias em ambas as línguas não são homófonas e quando o marcador de categoria na língua-materna é estruturalmente evidente¹⁰, o que o torna facilmente extraível do seu contexto de origem para outros contextos (Hickey, 2010).

Quando as línguas em contato começam a replicar-se e a compartilhar características estruturais semelhantes, há o que se chama **convergência linguística**. Embora o conceito de convergência, entretanto, é empregado de maneiras distintas na literatura sobre contato entre línguas¹¹, Myers-Scotton (2002) a restringe a processos relacionados a atrito¹² e mudança linguística motivados por relações sociopolíticas.

A convergência seria, portanto, motivada por uma situação em que a influência de uma língua sobre outra reflete relações sociopolíticas assimétricas entre os falantes nativos das línguas envolvidas. Como processo linguístico, é “um mecanismo nos resultados progressivos de atrito, mudança, morte de língua e formação de crioulos”, e seu resultado “é uma configuração linguística com todos os morfemas de superfície de uma língua, mas parte de sua estrutura lexical abstrata proveniente de outra língua” (Myers-Scotton, 2002, p. 101).

pragmático ou discursivo, sem que isso impeça o surgimento de novas configurações gramaticais. Esta observação retoma e desenvolve um comentário formulado pelo parecerista Dr. Wellington Santos da Silva na avaliação da primeira versão do manuscrito.

10 Cf. Petter (2008, p. 166), que discute construções como “três mais-velhos de mulher” e “quero só carapau de mulher” no português angolano, interpretadas como calques estruturais do quimbundo, língua banta na qual propriedades qualificativas são expressas por construções do tipo nome + conectivo + nome. Em línguas bantas, o marcador de relação (como wá, em mùtù wá kidi, “homem de bondade”) é morfológicamente evidente e estruturalmente regular, o que favorece sua extração e reinterpretação em uma nova língua. Trata-se, portanto, de um exemplo de transferência gramatical favorecida pela saliência morfológica da categoria na língua de origem.

11 Aikhenvald (2002), por exemplo, define convergência como um processo em que línguas em contato gradualmente tornam-se semelhantes.

12 O atrito, conforme abordado pela autora, “é um fenômeno dos indivíduos, referente ao que acontece com a produção de uma língua por um indivíduo (geralmente uma L1) e ao estado de qualquer perda [gramatical] em um determinado momento” (Myers-Scotton, 2002, p. 179). A modificação na configuração gramatical de uma língua por meio do atrito entre línguas, em ampla escala, pode levar à uniformização das línguas envolvidas, reduzindo as diferenças estruturais.

Heine e Kuteva (2005), contudo, observam que a replicação gramatical não se limita às condições apontadas por Myers-Scotton e não se correlaciona necessariamente com os fenômenos apontados como processos linguísticos pela autora. Além disso, a convergência é aplicada a fenômenos diversos, alguns sem relação com a replicação gramatical. Toma-se como exemplo o caso apresentado por Myers-Scotton (2002) sobre o uso defectivo de categorias gramaticais de outra língua, ilustrado por uma criança colombiana falante de espanhol, porém fluente em inglês, vivendo nos Estados Unidos. Nesse caso, a convergência manifesta-se no fato de a criança produzir um substantivo composto no espanhol conforme o padrão do inglês¹³, usar marcação de gênero inconsistente e não observar a regra *pro-drop* convencional do espanhol, num caso evidente de atrito linguístico.

Assim, a noção de convergência linguística está atrelada à ideia de que duas línguas se tornam cada vez mais semelhantes como resultado da sobreposição de estruturas similares, de modo que as partes que destoam são eliminadas, ou seja, ocorre uma influência mútua entre as línguas em contato; por outro lado, a noção de replicação gramatical implica uma direcionalidade da língua-modelo para a língua-réplica, e tem maior probabilidade de ocorrer em situações de alto grau de bilinguismo intensivo e extensivo entre os falantes da língua réplica em um período de contato extenso (Thomson, 2003; Heine; Kuteva, 2005).

Para evidenciar de forma sintética os modelos teóricos aqui comentados, organizamos, a seguir, um quadro comparativo decorrente da discussão prévia, que permitiu distinguir diferentes perspectivas sobre o contato e, assim, destacar as propostas que dialogam mais diretamente com a Sociolinguística de Contato ou que preservam correspondências teóricas pertinentes aos seus pressupostos.

Au- tor(es)	Pressupostos teóricos	Foco analítico	Diálogos com a Sociolin- guística de Contato
Thoma- son (2001)	Contato como motor de mudança; aquisição imperfeita; influência sociopolítica.	Tipologia de resultados de contato; mudança induzida pelo contato.	Fornece critérios para identificar influência estrutural e discutir transmissão irregular, úteis para análises variacionistas.
Mufwen e (2001, 2008)	Crioulização depende do tipo de colonização e das condições ecológicas do contato.	Diferencia contextos de surgimento de crioulos e pidgins.	Oferece arcabouço para pensar história social, pressões demográficas e ecológicas de interação, fundamentais para sociolinguística variacionista em contextos de contato.

¹³ No inglês, o núcleo do substantivo composto geralmente aparece por último, o primeiro termo agindo como um modificador, diferentemente do espanhol, cujo modificador figura depois do núcleo.

Myers-Scottton (2002)	Modelo <i>Matrix Language Frame</i> (MLF); produção bilíngue; alternância e inserção de códigos.	Estrutura híbrida; seleção da “língua-matriz”; papel do acesso ao léxico na produção bilíngue.	Permite explicar padrões estruturais emergentes em contextos bilíngues e multilíngues.
DeGraff (2003, 2009)	Crioulos são línguas naturais formadas em contextos socio-cognitivos complexos.	Emergência de variedades em ecologias multilíngues; agência dos falantes.	Fundamenta abordagem não excepcionalista, valorizando agência e competência dos falantes.
Holm (2004)	Contato pode gerar variedades híbridas sem formação de crioulos.	Observa reestruturações estruturais parciais em línguas pós-contato.	Propõe distinções úteis para analisar variedades locais de línguas de superestratos; aponta lacunas nos modelos binários.
Aboh e DeGraff (2014)	Recombinação de traços entre línguas em contato como base da gramática emergente.	Refuta relexificação; propõe gramáticas complexas e híbridas.	Reforça a análise ecológica e a atuação dos falantes como agentes da mudança linguística.

QUADRO 1 – Modelos teóricos do contato entre línguas que dialogam com a Sociolinguística de Contato

Fonte: elaborado pelos autores.

O quadro comparativo aqui apresentado visa sintetizar, analiticamente, os pressupostos centrais, os focos explicativos e as contribuições dos modelos revisados, evidenciando os distintos enquadramentos teóricos que compõem o campo do contato linguístico, articulando propostas que vão desde explicações estruturais e cognitivas até abordagens que enfatizam ecologias sociais, demografia e agência dos falantes. Tais correspondências contribuem para tornar visíveis os deslocamentos paradigmáticos que levaram à consolidação da chamada Sociolinguística de Contato (conforme postulado por Savedra *et. al.*, 2021). Mais do que um recurso didático, trata-se de um dispositivo analítico que permite situar o leitor nas principais vertentes epistemológicas do campo e justificar a perspectiva adotada nesta revisão: a de que a mudança induzida por contato deve ser analisada de forma situada, relacional e socialmente motivada.

A complexidade desses contatos se traduz, no que diz respeito à investigação científica, nas limitações relativas à observação controlada dos fatos linguísticos e à adoção de modelos de análise que estabeleçam determinações. Diferentemente dos contextos tradicionalmente investigados pela Sociolinguística Variacionista – nos quais os padrões de variação estão relativamente estabilizados e vinculados a comunidades com redes sociais mais delimitadas –, os contextos de contato frequentemente envolvem populações em mobilidade, gramáticas em formação e relações assimétricas de poder e prestígio que dificultam a definição de variantes-alvo e de normas de referência estáveis. Nessas situações, uma abordagem exclusivamente quantitativa pode não capturar plenamente a

variabilidade, a ambiguidade e os efeitos indexicais que marcam esses contextos. Um olhar qualitativo aos dados sociolinguísticos (cf. Eckert, 2012; Brandão; Vieira, 2012) pode ampliar as possibilidades de significados sociais que são considerados nas análises, além de atribuir aos falantes o papel de agentes ativos, e não passivos, dos processos de mudança na língua.

3. O papel da agência: falantes, ecologias e identidades

Nas últimas décadas, o alcance e impacto da “virada ideológica da linguagem”¹⁴ transcenderam o domínio do multilinguismo pessoal e se espalharam de forma constante para o estudo dos aspectos sociais do contato linguístico (Darquennes; Salmons; Vandenbussche, 2019). A Sociolinguística vem superando as categorias sociais predefinidas para análise dos padrões de variação com base em generalizações classificatórias dos falantes numa escala macro, ou seja, está problematizando considerações teórico-metodológicas que desconsideravam as especificidades dos falantes ou de suas comunidades. Em virtude da identidade linguística multifacetada e globalizante do falante da atualidade, novas posturas teórico-metodológicas de controle das características individuais dos falantes precisam ser adotadas.

Diante das necessidades da vida social num mundo globalizado, falantes de diferentes línguas e variedades linguísticas interagem o tempo todo, ocasionando contatos linguísticos que permeiam construções interculturais promovidas nas relações sociais. Assim, estudos sociolinguísticos que consideram o contato entre línguas servem ao propósito de adicionar robustez à compreensão a respeito da influência social na variação e na mudança linguística (Mufwene, 2001), indo além dos fatores estruturais da tradição variacionista.

Por envolver a composição de uma sociedade, sobretudo em suas organizações e diversidades, as situações de contato são fluidas e particulares. Nessa perspectiva, tais situações podem envolver relações com acontecimentos históricos, sociais, geográficos, políticos, glotopolíticos e educacionais (Savendra *et. al.*, 2021). A Sociolinguística de Contato, ao focar nessas dinâmicas, permite compreender como as forças sociais moldam não apenas as línguas isoladamente, mas também suas interações e evoluções, destacando a importância de se analisar uma língua dentro de sua ecologia sociolinguística específica.

O meio ambiente de uma língua, entendido como o conjunto de fatores sociais, históricos e situacionais que condicionam seu uso (Haugen, 1971), exerce forte influência nas relações entre a língua e sua ecologia (Mufwene, 2008). Nesse contexto, o contato entre línguas nada mais é que uma tentativa de possibilitar a comunicação interlinguística nos diferentes meio ambientes em que a

14A chamada “virada ideológica da linguagem” corresponde a um movimento relacionado à Sociolinguística que desloca o foco da análise das estruturas linguísticas para a compreensão das ideologias, práticas e identidades que moldam a linguagem em uso. Tal virada incorpora perspectivas da Antropologia Linguística e dos Estudos Culturais, e ganha força nas últimas décadas com autores como Woolard (1998), Kroskrity (2000) e Irvine e Gal (2000), impactando também os estudos sobre o contato linguístico (cf. Darquennes; Salmons; Vandenbussche, 2019).

língua ocorre (Couto, 1999). Em diferentes esferas sociais, o dinamismo e as inovações nas manifestações da língua refletem processos de mudança que emergem dessas ecologias de interação; processos que não dependem necessariamente de ausência de normatização, mas da variação própria de contextos sociolinguísticos heterogêneos.

Assim, a aferição dos contextos sociais propiciados pelo fator do contato pode favorecer uma interpretação mais fundamentada de processos de mudança ou alteração de código linguístico¹⁵. A perspectiva da **ecologia linguística**, um conceito originalmente desenvolvido por biólogos e que mais tarde passou a ser empregado por linguistas – para explicar a vitalidade de organismos e espécies em seus habitats naturais –, bem como para explicar os destinos das línguas em seus ambientes sociais, é uma perspectiva desenvolvida por Haugen (1971)¹⁶ e que ganha força com os estudos de Mufwene (2001, 2005, 2008). Nesse conceito, as línguas não existem isoladamente, mas em um ecossistema linguístico onde interagem com outras línguas e com a ambiência social e cultural (Mackey, 2001)¹⁷.

A partir dessa perspectiva ecológica, reafirma-se uma concepção dos fenômenos linguísticos como práticas socialmente situadas, atravessadas pela agência dos falantes. É nesse ponto que os fenômenos tradicionalmente descritos como estruturais ou sociais passam a ser também compreendidos como recursos mobilizados pelos falantes em seus repertórios sociais. Nesse sentido, a alternância de códigos se apresenta como uma manifestação concreta dessa agência dos falantes em contextos de contato.

Quando fatores contextuais, aliados a aspectos como identidade social e formação educacional, influenciam a escolha do código por parte do falante em situações de bilinguismo ou multilinguismo, manifesta-se a alternância de códigos (ou *code-switching*). Cada uma das línguas que coexistem em um mesmo falante funciona como recurso para diferentes funções comunicativas e sociais (Myers-Scotton, 1993), permitindo que os falantes ativem seus repertórios em resposta a demandas situacionais.

Esse fenômeno, embora frequentemente confundido com empréstimos, pidgins, crioulos ou interferências, distingue-se por apresentar padrões que variam em função de estratégias como

15 Em diversas pesquisas têm-se incorporado variáveis sociolinguísticas que permitem qualificar esses contextos, como o controle da L1 e da L2 dos falantes em estudos quem têm como foco comunidades de fala no continente africano (Teixeira; Araujo, 2017), ou ainda fatores como permanência e deslocamento dos falantes de comunidades rurais afro-brasileiras (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009), demonstrando como a análise sistemática das condições sociais do contato aprimora a explicação de fenômenos variacionistas e das dinâmicas de mudança.

16 Haugen (1971) compartilhou sua experiência pessoal de como, nos Estados Unidos da década de 1950, a língua norueguesa falada em comunidades de imigrantes fora afetada por influências da língua inglesa, resultando numa língua de imigração. O autor rejeita metáforas biológicas para descrever o ciclo de vida das línguas, optando por uma metáfora ecológica que destaca a natureza interrelacional do contato linguístico, enfatizando a influência mútua no contato linguístico, superando as abordagens unilaterais.

17 A vitalidade de línguas já vinha sendo observada por linguistas desde o século XIX, como Schleicher (1869), que, no século XIX já concebia a língua como um organismo vivo, e Darmesteter (1886). Contudo, a compreensão plena dos conceitos de nascimento, vitalidade e morte das línguas expande-se com a concepção de língua como espécie cuja existência depende das práticas interacionais de seus falantes, que são, ao mesmo tempo, seus criadores e hospedeiros (Mufwene, 2001, 2008).

“inserção”, “alternância” e “lexicalização congruente”, conforme descreve Muysken (2000). Ariffin e Husin (2011) identificam três fatores contextuais principais para a escolha de um código em contextos discursivos: 1) a relação entre os falantes; 2) o contexto onde a conversa ocorre; e 3) o tema que está sendo discutido.

A mistura de códigos (*code-mixing*) – fenômeno intimamente relacionado à alternância – ocorre quando o falante produz, em uma mesma sentença, itens lexicais e traços gramaticais de duas línguas. O fenômeno é característico de sociedades de falantes bilíngues ou multilíngues que, ao utilizarem duas ou mais línguas, podem recorrer a palavras adequadas em uma língua para expressar o que se quer dizer, quando não encontram equivalência na outra.

Essa relação entre escolha de códigos e domínio de uso ressoa na distinção proposta por Haugen (1953) entre contatos simétricos e assimétricos. No contato simétrico, ambas as línguas têm *status* equivalente, e seus falantes compartilham competência bilíngue equilibrada. Já no contato assimétrico, uma das línguas detém maior prestígio ou poder, o que produz desequilíbrios na influência entre os sistemas. Esse desequilíbrio também se observa em situações de diglossia, em que duas variedades de uma mesma língua coexistem com funções sociais distintas: uma variedade é usada em contextos formais e prestigiosos, e outra, em contextos informais, refletindo hierarquias sociais e relações de poder.

É na problematização dessas dinâmicas desiguais que a Sociolinguística de Contato contribui, ao considerar que fenômenos como *language shift* (mudança de língua) e a *language shift reversal* (reversão da mudança de língua) não resultam de forças neutras, mas estão profundamente implicados em políticas linguísticas, ideologias e atitudes sociais. Ainda que não seja nosso foco discutir em profundidade as políticas linguísticas em contextos de contato, interessa-nos aqui destacar como os falantes mobilizam suas escolhas linguísticas como atos de identidade.

A preservação de línguas minoritárias, como aponta Fishman (1991), está vinculada a esforços educacionais, engajamento comunitário e valorização cultural – todos aspectos atravessados por relações de poder que influenciam as práticas linguísticas cotidianas. A perda de uma língua, sendo esta componente central da identidade étnica de uma comunidade de fala, pode levar à erosão da identidade cultural. A língua como símbolo da identidade étnica, segundo Fishman (1989), serve como um marcador de pertencimento e diferenciação em relação a outros grupos. Somada a essa perspectiva, advoga-se a favor da manutenção da língua minoritária como instrumento de coesão comunitária, em que a língua é vista como um elo que serve ao propósito de fortalecer a identidade de um grupo, bem como preservar sua herança cultural, suas tradições e seus valores, evitando a supressão de sua identidade cultural.

O fator de **identidade social**, então, apresenta-se como uma das variáveis socioculturais que influenciam na Sociolinguística de Contato, uma vez que os usos da língua são influenciados por questões identitárias (Macêdo; Araujo, 2025). Fatores como etnia, classe social, gênero e idade, bem como atitudes linguísticas, uma vez que as atitudes dos falantes em relação às línguas em contato podem afetar a manutenção ou mudança linguística, moldam a profundidade do contato (Winford,

2003), considerando que as atitudes positivas podem promover a preservação de uma língua, enquanto atitudes negativas podem levar ao abandono.

Incluir atos de identidade (ou *acts of identity*, nos termos de Le Page; Tabouret-Keller, 1985) nos estudos de mudanças linguísticas induzidas por contato reforça a natureza pragmática do contato. A identidade social constitui, por si só, uma motivação para que um falante reproduza (ou não) elementos de outra língua ou variedade em sua própria, visto que elementos linguísticos podem ser usados para expressar afiliação a um grupo social.

A associação comum que tem sido feita às atitudes linguísticas como “indicadoras” de mudança induzida por contato (Thomason, 2010, p. 36) foi repensada por Auer (2020), como um desejo pragmático de realizar atos de identidade. Se as atitudes linguísticas são entendidas como disposições para o comportamento, uma abordagem que enfatiza o caráter performativo e intencional dos atos de identidade parece ser particularmente adequada, uma vez que ocorrem em lugares de interação social e podem ser adequados para explicar a adoção e disseminação de uma variante inovadora relacionada à identidade na comunidade.

Nessa perspectiva, o contato linguístico não pode ser visto como um fenômeno raro, mas sim como a norma. Nenhuma língua desenvolve-se em isolamento total de outras, mas em interação natural (Thomason, 2001). Os indicadores linguísticos também desempenham um papel significativo, mas são os fatores sociais mais eficazes em determinar os resultados do contato linguístico.

Também vimos que certos fatores sociais – mais obviamente a ocorrência ou não-ocorrência de aprendizagem imperfeita e intensidade de contato – preparam o cenário para diferentes resultados linguísticos. Por exemplo, se o contato for intenso o suficiente, especialmente se não for o caso de aprendizagem imperfeita, então a distância tipológica não é uma barreira para empréstimos estruturais extensivos; para dar outro exemplo, as atitudes dos falantes podem superar as expectativas para tipos e graus de mudança motivada externa e internamente. Em outras palavras, neste domínio, os fatores sociais governam. Isso, é claro, não significa que os indicadores linguísticos sejam necessariamente menos importantes ou menos significativos em um determinado caso do que os indicadores sociais. Significa apenas que, em casos em que fatores linguísticos e sociais apontam para resultados diferentes, os fatores sociais serão mais eficazes (Thomason, 2001, p. 47, tradução nossa).¹⁸

Reafirmando a importância de integrar fatores sociais e identitários às análises do contato linguístico, cabe mencionar que, no interior da tradição sociolinguística laboviana, o interesse pelos processos de contato interdialetoal tem se intensificado, especialmente a partir do reconhecimento da mobilidade geográfica como fator central na constituição dos repertórios linguísticos. Estudos como os realizados pelo Laboratório VARIEM (Oushiro et al., 2023) evidenciam que falantes

18 No original: “We have also seen that certain social factors – most obviously the presence or absence of imperfect learning and intensity of contact – set the stage for different linguistic outcomes. For example, if contact is intense enough, especially if no imperfect learning is involved, then typological distance is no barrier to extensive structural borrowing; to take another example, speakers’ attitudes can trump expectations for types and degree of both externally- and internally-motivated change. In other words, in this domain social factors rule. This of course does not mean that linguistic predictors are necessarily less important or less significant in a given case than social predictors. It only means that, in cases where linguistic and social factors point to different outcomes, the social factors will be more effective.” (Thomason, 2021, p. 47)

migrantes não apenas ajustam sua fala em função de variáveis sociogeográficas, mas também participam ativamente de processos de variação e mudança que revelam padrões próprios de reestruturação. A análise da fala de migrantes demonstra que, mesmo em contextos de inteligibilidade mútua entre variedades, como ocorre nos contatos dialetais internos ao português brasileiro, há acomodações, resistências e reelaborações linguísticas que mobilizam tanto fatores estruturais quanto identitários. Esse tipo de abordagem tem ampliado o escopo da Sociolinguística Variacionista ao incorporar dimensões ecológicas e sociais mais dinâmicas, aproximando-se, assim, de perspectivas que privilegiam a agência dos falantes em contextos de contato.

Como aponta Savedra (2021) o contato influencia a variação e mudança, e concomitantemente, a variação estilística influencia esses contextos de variação através do monitoramento linguístico, à medida que os falantes reconhecem e atribuem valor aos aspectos sociais do seu contexto histórico. Com isso, o estilo é resultante de uma construção identitária fomentada a partir das situações de contato, e a forma como os falantes acessam e circulam e interagem em diferentes espaços comunicativos também desempenha um papel importante nessa equação, sobretudo em cenários em que as mídias de massa e digitais ampliam as possibilidades de exposição a variedades linguísticas diversas.

Com o avanço das tecnologias digitais, o alto volume de novas mídias de comunicação veiculadas na internet pode mudar a concepção do contato linguístico para dispensar a presença física simultânea dos falantes. Será necessário levar em consideração o fato de que, devido à intrusividade incessante e inquestionável do ambiente *online*, os falantes de diferentes línguas e variedades estão em contato constante na atualidade.

Essa observação levanta uma questão central a ser observada nos estudos sociolinguísticos contemporâneos que levam em consideração o contato linguístico: até que ponto a exposição massiva a determinadas formas linguísticas, por meio das mídias, pode participar dos processos de variação e mudança, entendendo que as interações e os contatos provocam variação? Por muito tempo, prevaleceu a compreensão de que a influência linguística, especialmente em nível fonológico, se daria necessariamente no plano das relações humanas, como demonstram estudos realizados em comunidades de fala americanas (Trudgill, 1986). Contudo, é um erro descartar as possibilidades da alta exposição a novas formas de comunicação veiculadas pelas mídias, a exemplo da palavra *nerd*, emergente na Escandinávia por influência dos filmes norte-americanos no país (Tagliamonte, 2012), e tantas outras contribuições lexicais, cuja exposição foi ampliada a partir do aumento da frequência de uso global da internet, substituindo a televisão e as mídias impressas, impactando na própria natureza do contato linguístico.

Por um lado, a globalização digital pode impactar na facilitação e na simplificação do contato entre línguas, o que demandaria métodos mais específicos de aferição sobretudo das redes sociais que abrigam os falantes¹⁹. Por outro lado, dado que pouco mais que metade da população mundial

19 Redes sociais, aqui, referem-se às relações interpessoais entre indivíduos em uma comunidade dentro de um contexto sociológico. Nos estudos sociolinguísticos, o conceito ampliou-se a partir da segunda onda, a partir do ponto em que Milroy (1980)

tem acesso à internet, observações éticas sobre a falta de acesso à internet para alguns falantes, bem como um olhar atento à configuração de “bolhas sociais” que as plataformas digitais podem reforçar (Pariser, 2011), deverão acabar por favorecer abordagens mais tradicionais sobre contato linguístico por mais algum tempo.

4. O português brasileiro em contextos de contato: reestruturações e aportes afro-brasileiros

Os estudos de variedades linguísticas que emergem do contato, além de contemplarem os fenômenos resultantes da interação entre fatores linguísticos e ecolinguísticos na configuração de línguas distintas coexistindo e se mesclando, mudando, adaptando e reestruturando, atentam-se também aos aspectos sociais do contato entre diferentes grupos linguísticos, às relações grupais, à lealdade coletiva, a aspectos históricos e como tais fatores se refletem na consolidação de uma norma (Winford, 2003).

Nesse quadro, praticamente toda a dinâmica linguística das variedades de português formadas em contextos coloniais pode ser interpretada à luz do contato, manifestado em múltiplas direções e ambientes. Embora reconheçamos a relevância de incluir as variedades africanas do português nos estudos sobre o contato (socio)linguístico, esta seção opta por centrar-se na realidade brasileira, tanto pelas restrições de espaço quanto pela intenção de aprofundar a discussão a respeito dos efeitos duradouros do contato na formação do português falado no Brasil²⁰.

Dentre as hipóteses sobre a emergência da gramática do português brasileiro (PB), Avelar e Galves (2014) argumentam que o português brasileiro se desenvolveu em um ambiente de aquisição descentrada, no qual a exposição ao *input* nativo foi extremamente reduzida para a maior parte dos falantes. Essa condição favoreceu uma reestruturação significativa da gramática do português, inclusive em aspectos nucleares como a posição do sujeito, a estrutura da oração e a concordância verbal. Tal cenário é compatível com descrições anteriores sobre a transmissão linguística irregular (Lucchesi; Baxter, 2009), embora tal enquadramento não seja unânime.

Outras abordagens enfatizam menos os efeitos de um *input* linguístico limitado e mais os usos sociais da língua em ecologias de contato. É nesse sentido que se inscrevem as propostas de Negrão

investigou as forças que regiam o vernáculo da classe trabalhadora de Belfast, apresentando correlações entre o maior uso de variantes locais e a densidade no nível de conexões de redes sociais da classe trabalhadora.

20 Ainda assim, vale mencionar que as variedades africanas do português, a exemplo da angolana e moçambicana, compartilham o fato de não se terem desenvolvido como línguas crioulas, o que as aproxima, nesse ponto, da variedade brasileira, dado que os contatos entre a língua portuguesa e línguas africanas não deram ensejo a línguas crioulas e sim a variedades não-europeias do português nesses países. As línguas africanas faladas em Angola e Moçambique pertencem ao grupo banto – o mesmo grupo ao qual pertencem muitas das línguas faladas por sujeitos escravizados que foram transplantados para o Brasil no contexto colonial e imperial. A esse respeito, Petter (2008, p. 10) destaca que, “se o PA, o PB e o PM divergem do PE, como atestam os trabalhos publicados, cabe confrontar essas variedades de português e investigar em que aspectos elas se aproximam e em que aspectos elas se distinguem.”

e Viotti (2014), para quem a mudança e diversificação linguística são processos que se iniciam em eventos de uso da língua, a partir da interação entre falantes e do contato entre seus idioletos. A língua portuguesa falada no Brasil teria se constituído justamente nesses espaços interacionais, nos quais a agência linguística dos sujeitos, em especial os africanos e afro-brasileiros, foi fundamental na difusão de uma nova variedade: o português popular brasileiro (Mattos e Silva, 2004).

Esse processo ocorreu em um ambiente de multilinguismo prolongado, marcado pelo contato entre colonizadores europeus e milhões de indígenas e africanos escravizados. Estima-se que cerca de duzentas línguas africanas tenham sido trazidas para o Brasil, com falantes oriundos de diversas regiões e épocas, o que contribuiu para a complexidade dos contextos de aquisição e uso do português ao longo dos séculos²¹.

A norma popular do português brasileiro, formada por um plurilinguismo social, abarca ainda as comunidades quilombolas, as comunidades indígenas, povos ciganos, descendentes de imigrantes (Savendra *et. al.*, 2021) e apresenta uma pluralidade assimétrica, intensificada a partir de contribuições linguísticas propiciadas pelo contato linguístico entre povos diversos, bem como mudanças que afetam aspectos importantes da morfossintaxe em função de valores inovadores que podem ser atribuídos ao contato.

No cenário multilinguístico, ainda que se reconheça a contribuição das línguas indígenas brasileiras, mais restrita em termos geográficos e de alcance (Castro, 2016)²², destaca-se a centralidade histórica e sociolinguística das línguas de matriz africana na constituição do português falado no Brasil, sobretudo em razão da marcante presença africana em todos os ciclos da economia brasileira nos períodos colonial e imperial. Nesse processo, os falantes de origem africana desempenharam papel central como agentes de transformação e difusão da variedade linguística que se consolidou no país durante o período escravocrata e que resiste até a atualidade.²³

Caso particularmente interessante de resistência linguística identitária são as comunidades rurais afro-brasileiras. Muitas delas originárias de antigos quilombos, estiveram, do ponto de vista geográfico e social, isoladas por longos períodos, resultando em gramáticas com aspectos linguísticos diferenciados em cada uma dessas comunidades (Lucchesi, 2009). A resistência dessas comunidades,

21 Para o Brasil vieram mais de 4,3 milhões de africanos escravizados, conforme estimado por Reis (2000), um contingente expressivo de falantes de línguas africanas, o que, em outros espaços do continente americano, propiciou processos de crioulezização, à exemplo do que ocorreu no Caribe e no sul dos Estados Unidos.

22 Mattos e Silva (2000) já antecipava que africanos e afrodescendentes constituíam maioria da população durante todo o período colonial em solo brasileiro, sendo esses os principais difusores do português no território.

23 A relevância das línguas africanas para a formação do português brasileiro pode ser atestada a partir da existência de documentos coloniais, como a *Arte da Língua de Angola* (1697) e a *Obra Nova da Língua Geral de Mina* (1741), que registram, de forma sistemática, estruturas linguísticas africanas em circulação no Brasil escravista. Nesse sentido, Santos Silva (2023) enfatiza essa dimensão histórica, ao analisar a *Língua Geral de Mina*, de autor anônimo, como evidência concreta da presença, vitalidade e impacto das línguas Gbe no processo de formação sociolinguística brasileira; enquanto Rosa (2013) amplia a visibilidade de uma língua africana, o quimbundo, no Brasil colonial, de modo a mostrar que os impactos linguísticos africanos no Brasil começam muito cedo e estão documentados na gramática de Pedro Dias.

durante o processo de formação do PB, apresenta-se como um aporte significativo para o estudo da formação sociolinguística brasileira, uma vez que são espaços onde traços da língua portuguesa em contato com as línguas africanas são mais preservados, revelando camadas pretéritas desse contato, bem como características típicas de situações de contato massivo que não se encontram em outras variedades populares do Brasil.

Embora as comunidades mais isoladas detenham de um maior grau de conservação dos padrões de uso linguístico de seus antepassados, destacamos aqui que as comunidades quilombolas não podem mais ser consideradas, na contemporaneidade, sítios arqueológicos linguísticos, principalmente, devido às novas ecologias marcadas pelo trânsito de seus moradores em outras instâncias, como no âmbito de letramentos escolares, de modo que investigar as marcas dos contatos linguísticos que, em tese, foram mais preservados nessas comunidades exige novas metodologias e categorias de análise.

É nesse sentido que a perspectiva da Terceira Onda da Sociolinguística pode configurar relevante aporte teórico-metodológico, uma vez que considera a percepção do constructo identitário relacionado ao significado social das práticas de linguagem (Eckert, 2012), dado que, assim como a língua, as identidades dos falantes estão em constante processo de construção e reconfiguração dos sujeitos às novas formas de participação em comunidades ao longo de suas vidas (Bourdieu, 2008).

Assim, os estudos sociolinguísticos em tais comunidades devem considerar as novas dinâmicas sócio-culturais, a exemplo de mobilidades geográficas e socioculturais de quilombolas (Santana; Araújo; Freitag, 2018), bem como a investigação das marcas identitárias do falar quilombola ou afro-brasileiro na atualidade (Araújo, 2018; Macêdo, 2022; Bastos; Araújo, 2025; Macêdo; Araújo, 2025), a exemplo do que se observa em Bastos e Araújo (2025), em que, contrastando dados de entrevistas sociolinguísticas clássicas (Diálogo entre informante e documentador - DID) e de entrevistas públicas (fala de quilombolas em apresentações turísticas e em entrevistas para programas televisivos e em plataformas digitais), a produtividade de formas verbais sem marcas de plural era mais acentuada nessas últimas, o que foi interpretado como uma construção da *persona* quilombola.

Assim, mais do que um objeto de estudo gramatical isolado, o português falado em comunidades quilombolas é também um testemunho histórico, vivo, de relações de poder, resistência, adaptação e criatividade cultural. Reconhecer esse passado é essencial para compreender a complexidade sociolinguística do Brasil contemporâneo e também para a valorização das línguas africanas, indígenas e vernáculas que contribuíram decisivamente para formar a língua que hoje se fala no país.

Faz-se urgente, portanto, ampliar o escopo das investigações sociolinguísticas para além da descrição interna das variedades afro-brasileiras, voltando-se também para os modos como essas formas circulam socialmente, são percebidas e reapropriadas em contextos institucionais, educacionais e midiáticos. Reconhecemos, evidentemente, a importância de estudos voltados para a norma urbana, sobretudo no que diz respeito ao mapeamento dos contatos interdialetais e à compreensão das dinâmicas de acomodação e mudança observadas em falantes migrantes. No entanto, um olhar restrito aos centros urbanos não permite compreender a história linguística do português brasileiro

em sua dimensão mais ampla, considerando contatos profundos que moldaram a gramática do português brasileiro.

As normas afro-brasileiras de base rural, especialmente aquelas formadas em comunidades quilombolas, constituem fontes preciosas de indícios estruturais, sociais e identitários do contato entre o português e línguas africanas. O estudo das diferentes modalidades de contato nessas comunidades é, portanto, fundamental não apenas para compreender os mecanismos históricos de formação do português brasileiro, mas também para analisar como os efeitos desses contatos se reatualizam na contemporaneidade, atravessando diferentes esferas de uso e circulação da língua.

Considerações finais

Ao revisitar os principais conceitos sobre o contato linguístico sob a perspectiva da Sociolinguística, este trabalho propôs um panorama teórico-metodológico sólido e acessível, evidenciando os diálogos e as tensões existentes entre os estudos do contato linguístico e a tradição sociolinguística. Partimos dos estudos basilares, passando por seus desdobramentos, que investigaram os efeitos do contato na estrutura linguística, evidenciando que fatores históricos e identitários moldam as práticas linguísticas de falantes em situações de contato.

Assim, ao longo do texto, discutimos três eixos centrais para a análise do contato linguístico na perspectiva da Sociolinguística contemporânea: (i) os principais conceitos e modelos teóricos sobre contato, incluindo debates sobre criouliização, pidginização e hibridização; (ii) o papel da agência dos falantes e das ecologias sociais nos processos de variação e mudança, com ênfase em abordagens que rejeitam modelos excepcionalistas; e (iii) os efeitos históricos, estruturais e identitários do contato linguístico na formação do português brasileiro, especialmente em comunidades afro-brasileiras rurais. Ao articular essas dimensões, defendemos a importância de uma abordagem situada, que reconheça os contextos históricos de opressão, a centralidade dos sujeitos falantes e os modos como práticas de linguagem refletem e constituem relações sociais. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre os processos de mudança induzida por contato, abrindo caminhos para investigações mais sensíveis às dinâmicas linguísticas de cada comunidade de fala.

Além disso, ao considerar sociedades pós-coloniais, torna-se relevante reconhecer que os efeitos do contato linguístico se articulam a outras dimensões sociais, como etnicidade e formas locais de estratificação. Nessas ecologias, processos de variação e mudança estão ligados tanto às dinâmicas históricas de contato quanto às identidades e realidades que moldam o acesso aos repertórios e a circulação das formas linguísticas. A incorporação dessas categorias enriquece a análise sociolinguística, permitindo compreender de modo mais preciso como práticas linguísticas se constituem nesses contextos.

Entendemos que a presente revisão irá contribuir com trabalhos de sociolinguistas que consideram o contato entre línguas como agente dos processos de variação e mudança, uma vez que

empreende um esforço coerente em sistematizar teorias e casos empíricos que tratam do contato linguístico sob uma perspectiva sociolinguística atual e articulada, o que pode servir como base para investigações mais localizadas e sensíveis às realidades socioculturais das comunidades de fala.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2307.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2307.A>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Evani de Carvalho Viotti

Afiliação: Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0511-6569>

Avaliador 2: Wellington Santos da Silva

Afiliação: Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8502-8429>

AVALIADOR 1

Considero que, agora, após a revisão, o artigo pode ser publicado. Tenho apenas um comentário a fazer, que gostaria que levasse a uma modificação no uso dos termos "achados", "findings" (ambos no resumo principal) e, mais adiante, o uso de "evidencia", no resumo para não especialistas. A meu ver, esses termos não são apropriados para um texto que se propõe ser uma revisão da literatura

sobre o contato de línguas. Revisões da literatura não "acham" nada, ou tampouco "evidenciam" algo. São os trabalhos revisados os responsáveis pelos achados e pelas evidências. Portanto, penso que seria apropriado evitar o uso desses termos, na medida em que não são adequados para o próprio espírito do texto.

AVALIADOR 2

O artigo apresentado traz importantes contribuições para a articulação dos estudos da Sociolinguística e da Linguística de Contato, passando por trabalhos clássicos e relevantes de ambos os campos, buscando apontar sua aplicação para os estudos relativos ao português brasileiro. Entretanto, há algumas inconsistências teóricas que necessitam de incontornável reformulação, sobretudo no que diz respeito à seção 2 do texto, a qual precisa ser inteiramente reformulada. Minha recomendação é a de que tal seção seja completamente reescrita, de modo a manter no texto apenas teorias de contato que encontrem alguma repercussão nos modelos sociolinguísticos, a fim de dar maior coerência interna à proposta do artigo. Esta e outras modificações sugeridas no corpo do artigo serviriam para dar maior fluidez e solidez ao texto, de modo a ressaltar as suas contribuições específicas para a reflexão no campo da Sociolinguística de Contato, tarefa para qual são dispensáveis resumos ou resenhas de vários aspectos teóricos privilegiados pelos autores e que, no meu entendimento, seriam mais adequados em um trabalho com outro recorte.

RESPOSTA DOS AUTORES

Prezada Comissão Editorial,

Agradecemos mais uma vez pelas contribuições apresentadas para o refinamento do artigo "*Contato Linguístico: Reflexões para a Sociolinguística Contemporânea*". As observações foram tomadas em consideração e a seção 2 do texto foi parcialmente reestruturada, seguindo a linha proposta pelo Prof. Dr. Wellington Silva. Além disso, novas notas de rodapé foram adicionadas e explicitações feitas no corpo do texto sobre conceitos-chave para essa revisão de literatura.

Sobre a pergunta feita na introdução pelo parecerista, a respeito da relevância de abordar as dinâmicas do contato linguístico nos estudos sociolinguísticos que tomam como objeto sociedades pós-coloniais, fizemos uma breve observação nas considerações finais, sem nos alongar demais, por falta de espaço e enfoque para tal questão neste artigo.

Somos imensamente gratos pela leitura criteriosa e pelas valiosas sugestões e esperamos que o texto esteja apto à publicação.

Atenciosamente,

Matheus

Silvana

Juliette

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

A pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os autores avaliaram os roteiros da Equator Network e não identificaram roteiro relevante para o trabalho submetido.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Fontes de financiamento

Agências de fomento: Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação – Universidade Estadual de Feira de Santana (FINAPESQ/UEFS) (Termo de Outorga nº: 111/2024), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Processo nº: 88887.977046/2024-00) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo nº 140702/2025-3).

REFERÊNCIAS

ABOH, Enoch O.; DEGRAFF, Michel. Some notes on bare noun phrases in Haitian Creole and Gùngbè: a transatlantic sprachbund perspective. **Studies In Language Companion Series**, [S.L.], p. 203-236, 2014. <http://dx.doi.org/10.1075/slcs.154.11abo>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ABOH, Enoch O. **The emergence of hybrid grammars: language contact and change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Language contact in Amazonia**. New York: Oxford University Press, 2002.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Caracterização do português popular falado em comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia e de Sergipe**: documentação de comunidades de práticas afro-brasileiras para o estudo de contatos linguísticos Aracaju: UFS-PDJ/CNPq, 2018.

ARIFFIN, Kamisah; HUSIN, Misyana Susanti. Codeswitching and Code-mixing of English and Bahasa Malaysia in Content-Based Classrooms: Frequency and Attitudes. **Linguistic Journal**. vol.5, p.220-247, 2011.

AUER, Peter. Language contact: pragmatic factors. In: ADAMO, Evangelia; MATRAS, Yaron. **The Routledge Handbook of Language Contact**. Londres: Routledge, 2020, p. 147-167.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. **Linguística**, Montevideu, v. 30, n. 2, p. 241-288, dec. 2014.

BASTOS, Juliete; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal na comunidade afro-brasileira: Mussuca - Laranjeiras - SE. In: ARAUJO, Silvana Silva de Farias; SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Jean Marcel Oliveira (Org.). **Lusofonia afro-brasileira**: questões sócio-históricas e linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025, p. 257-278.

BAXTER, Alan. Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific rim. In: WURM, P.; MÜHLHÄUESLER, D. T. Tryon (Org.). **Atlas of languages of intercultural communication in the Pacific, Asia, and the Americas**. Berlin: Mouton, 1996. p.301-338.

BICKERTON, Derek. **Roots of language**. Ann Arbor: Karoma, 1981.

BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. **Behavioural and Brain Sciences**, Cambridge, n.7, 1984, p.173-203.

BICKERTON, Derek. Creole languages and the Bioprogram. In: NEWMAYER, Frederick (Org.). **Linguistics: the Cambridge survey**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p.268-284.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **Papia** (Brasília), v. 22, p. 7-39, 2012.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 11-24, 2016.

COUTO, Hildo Honório do. **Contato interlinguístico**: da interação à gramática. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 1999.

DARMESTER, ArsPne. **La vie des mots étudiée dans leurs significations**. Paris: Delagrave, 1886.

DARQUENNES, Jeroen; SALMONS, Joe; VANDENBUSSCHE, Wim. 1. Language contact research: scope, trends, and possible future directions. **Handbücher Zur Sprach- Und Kommunikationswissenschaft / Handbooks Of Linguistics And Communication Science (Hsk)**, [S.L.], 19 ago. 2019, p. 01-12. De Gruyter. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1515/9783110435351-001>. Acesso em: 20 abr. 2025.

DEGRAFF, Michel. Against Creole Exceptionalism. **Language**, [S.L.], v. 79, n. 2, p. 391-410, 2003. Project MUSE. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1353/lan.2003.0114>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DEGRAFF, Michel. Creole Exceptionalism and the (Mis)Education of the Creole Speaker. In: KLEIFGEN, Jo Anne; BOND, George C.. **The Languages of Africa and the Diaspora**: Educating for Language Awareness. Toronto: Multilingual Matters, 2009. p. 124-144.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

FISHMAN, Joshua A. **Reversing Language Shift**: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

FISHMAN, Joshua A. **Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistic Perspective**. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; OUSHIRO, Livia. Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 13, n. 4, p. 1324-1329, 2019. DOI: 10.14393/DL40-v13n4a2019-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/50514>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of phonology, syntax and language history. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Ann Arbor: University Microfilms International.

GUY, Gregory. On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese. In: **ESTUDOS sobre el Español de América y Lingüística Afroamericana**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989. p. 227-245.

HAUGEN, Einar. Language Planning in Modern Norway (1959 [1961]). In: DIL, Anwar S. **The Ecology of Language**: Essays by Einar Haugen. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 133-147.

HAUGEN, Einar. The Ecology of Language (1971). In: DIL, Anwar S. **The Ecology of Language**: Essays by Einar Haugen. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 325-339.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **Language Contact and Grammatical Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HICKEY, Raymond. Contact and Language Shift. In: HICKEY, Raymond (Org.). **The Handbook of Language Contact**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2010.

HOLM, John. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, Glenn G. (org.). **Pidgin and Creole languages**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987. p. 406-429.

HOLM, John. **Pidgins and Creoles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HOLM, John. **Languages in contact**: the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOLM, John. Semi-criolization: Problems in the development of theory. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid; SCHNEIDER, Edgar (Org.). **Degrees of restructuring in creole languages**. Amsterdã: Benjamins, 2000, p. 19-40.

IRVINE, Judith Temkin; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul Vincent (Org.). **Regimes of language**: ideologies, politics, and identities. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. p. 35-84.

JOHANSON, Lars. Strukturelle Faktoren in türkischen Sprachkontakten. **Sitzungsberichte der Wissenschaftlichen Gesellschaft an der Johann Wolfgang Goethe Universität at Frankfurt am Main**, v. 29, n. 5. Stuttgart: Franz Steiner. 1992. p. 169–299.

KROSKRITY, Paul Vincent. Regimenting languages. In: KROSKRITY, Paul Vincent (Org.). **Regimes of language: ideologies, politics, and identities**. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. p. 1–34.

LE PAGE, Richard B.; TABOURET-KELLER, Andrée. **Acts of identity: creole-based approaches to language and ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LEFEBVRE, Claire. **Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: The Case of Haitian Creole**. New York: Cambridge University Press, 1998.

LUCCHESI, Dante. The article systems of Cape Verde and São Tomé Creole Portuguese: general principals and specific factors. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, Filadélfia; Amsterdam, v.8, n.1, p.81-108, 1993.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-73.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.

MACÊDO. Juliete Bastos. **Variação na concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural na comunidade rural afro-brasileira Mussuca – Laranjeiras/Sergipe: uma análise sociolinguística**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

MACÊDO. Juliete Bastos; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A Análise Linguística na perspectiva da identidade: o papel do Perfil Sociolinguístico identitário do falante. **SciELO Preprints**, 2025.

DOI: 10.1590/SciELOPreprints.13764. Disponível

em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/13764>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MACKEY, William Francis. **The Ecology of Language Shift**. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (Orgs.). *The Ecological Reader*. London: Continuum, 2001. p. 67–74.

MATAUSCHEK, Isabella. Linguistic as cultural encounters: Hugo Schuchardt revisited – conclusions for intercultural studies. **SOS**, v. 11, n. 2, p. 159–173, 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. **Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 11-27, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, Heliana; ALTEMHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980].

MUFWENE, Salikoko S.. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

- MUFWENE, Salikoko S.. **Créoles, écologie sociale, évolution linguistique**. Paris: L'Harmattan. 2005.
- MUFWENE, Salikoko S.. **Language evolution**: Contact, competition and change. London: Continuum Press. 2008.
- MUFWENE, Salikoko S.. Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas. **Ecolinguística**: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 02, n. 01, p. 21-38, 2016.
- MUYSKEN, Pieter. **Bilingual Speech**: A Typology of CodeMixing. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MYERS-SCOTTON, Carol. **Social Motivations of Codeswitching**. Oxford: Clarendon. 1993.
- MYERS-SCOTTON, Carol. **Contact Linguistics**: Bilingual Encounters and Grammatical Outcomes. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani. Brazilian Portuguese as a transatlantic language: Agents of linguistic contact. **Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies**, v. 3, p. 135-153, 2014.
- OUSHIRO, Livia; SILVEIRA, Gustavo de Campos Pinheiro da; SOUZA, Emerson Santos de; FERRAZ, Leonardo; MASSUCI, Iris; RUIZHI, Zhu; BARBOSA, Sarah Poli; OLIVEIRA, Almir Almeida de; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos. Estudos sociolinguísticos sobre contato dialetal: contribuições do VARIEM e agenda de pesquisa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. e023021, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673331.
- PARISER, Eli. **The Filter Bubble**: What the Internet is Hiding from You. New York: Penguin Press, 2011.
- PETTER, Margarida. **Variedades linguísticas em contato**: português angolano, português brasileiro, português moçambicano. 2008. Tese (Livre docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- REIS, João José. Presença negra: conflitos e encontros. In: IBGE. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- ROSA, Maria Carlota. **Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias**, S.J. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SANTANA, José Humberto dos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do português falado em comunidades rurais afro-brasileiras de Sergipe: procedimentos metodológicos. **PAPIA**, São Paulo, 28(2), p. 219-237, Jul/Dez 2018.
- SANTOS DA SILVA, Wellington. Língua Geral de Mina: uma fotografia da história linguística dos africanos escravizados no Brasil. **Revista Linguística**, v. 19, p. 187-208, 2023.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; CHRISTINO, Beatriz; SPINASSÉ, Karen Pupp; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. 01-28, 2021.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **Sociolinguística de Contato e Política Linguística**: propostas de interseções teórico-metodológicas. *Matraga*, v. 31, n. 61, 2021.
- SCHLEICHER, August. Darwinism tested by the science of language. Tradução de V. W. Bickers. In: KOERNER, K. (Org.). **Linguistics and evolutionary theory**: three essays. Amsterdam: Benjamins, 1983. Edição fac-similar. [Reprodução da edição de 1869]

SCHUCHARDT, Hugo. Baissac, Etude sur le patois créole meuricien. / Coelho, Os dialectos românticos na Africa, Asia e America. In: GRÖBER, Gustav. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 5, Halle: Max Niemeyer, 1881, p. 580-581.

SCHUCHARDT, Hugo. **Slawo-deutsches und Slawo-italienisches**. Graz: Leuschner & Lubensky, 1884.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963[1950].

SINGLER, John Victor. The sociolinguistic context of creole genesis. In: SKOUWENBERG, S.; SINGLER, JV (ed.). **The Handbook of Pidgin and Creole Studies**. Oxford: Blackwell. p. 332-358, 2008.

TAGLIAMONTE, Sali A. Social Patterns. In: TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 25-70.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Diálogos entre Brasil e Angola**: o português d'aquém e d'além-mar. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

THOMASON, Sarah. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, Sarah. Contact as a source of language change. In: JOSEPH, Brian D. and JANDA, Richard D. **The Handbook of Historical Linguistics**, Oxford: Blackwell, pp. 686-712. 2003.

THOMASON, Sarah. Contact explanations in linguistics. In: R. Hickey, ed., **The handbook of language contact**, 1. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010. pp. 31-47.

THOMASON, Sarah; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

WARDAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistics**. New York: Brasil Blackwell, 1998.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact**: Findings and problems. New York: Mouton Publishers, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WINFORD, Donald. **An Introduction to Contact Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

WOOLARD, Kathryn A. Introduction. In: SCHIEFFELIN, Bambi B.; WOOLARD, K. A.; KROSKRITY, Paul V. (Org.). **Language ideologies**: practice and theory. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 3-47.